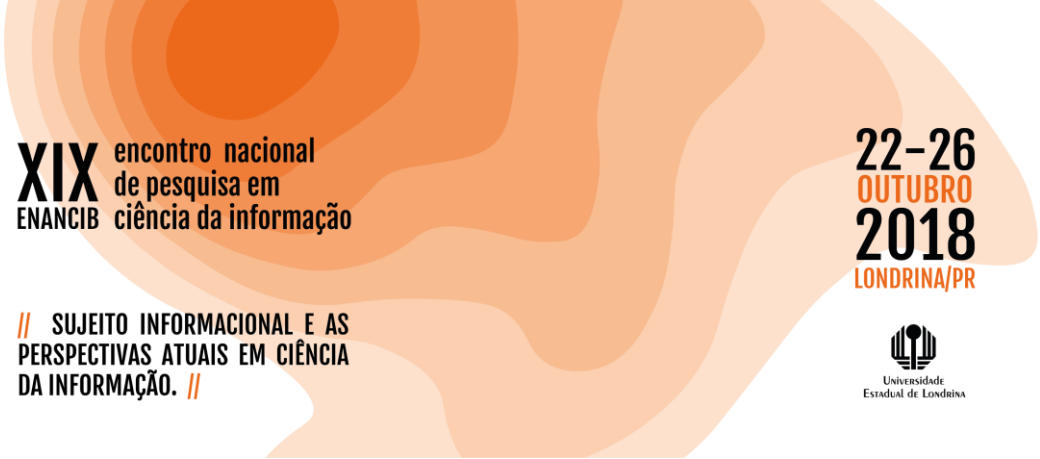




XIX encontro nacional
de pesquisa em
ciência da informação
ENANCIB

// SUJEITO INFORMACIONAL E AS
PERSPECTIVAS ATUAIS EM CIÊNCIA
DA INFORMAÇÃO. //

22-26
OUTUBRO
2018
LONDRINA/PR



XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018

GT-11 – Informação e Saúde

INFORMAÇÃO E SAÚDE NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA DO BRASIL

Dayanne da Silva Prudencio (Depto. de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro / Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Jorge Calmon de Almeida Biolchini (Pesquisador Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro)

HEALTH INFORMATION IN BIBLIOTECONOMY PROGRAMS

Modalidade da Apresentação: Comunicação oral

Resumo: Identifica, caracteriza e analisa como a temática Informação e Saúde tem sido contextualizada nos currículos e projetos políticos pedagógicos dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Para tanto, analisa documentos e investiga se há aplicação da temática em disciplinas específicas ou em tópicos dos conteúdos programáticos. Apresenta-se como uma pesquisa de caráter documental, exploratória (quanto ao seu objetivo), e, do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados, com abordagem qualitativa e quantitativa. Aplica técnica de análise de conteúdo para analisar todos os dados levantados. Emprega abordagem qualitativa para demonstração dos resultados. Verifica que em quinze cursos há presença de disciplinas dedicadas ou que tratem do tema. Igualmente, conclui que apenas os cursos da Universidade Federal de Minas Gerais, do Centro Universitário de Formiga e da Universidade de São Paulo /Campus Ribeirão Preto possuem mais de uma disciplina que trata da temática. Constata que há concentração da temática em disciplinas relacionadas a fontes de informação e normalização documentária. Toma empréstimos e faz relações com a teoria bourdieusiana, especialmente no que se refere a campo, capital científico e habitus. Conclui que a temática ainda é pouco abordada nos programas analisados e sugere maior divulgação da mesma no interior destes cursos, objetivando oferecer maiores possibilidades aos alunos de desenvolver conhecimento e pesquisa na área.

Palavras-Chave: Informação e saúde; Cursos de Biblioteconomia; Currículo de Biblioteconomia.

Abstract: It identifies, characterizes and analyzes how the subject Health Information has been contextualized in the curricula and political pedagogical projects of undergraduate courses in Biblioteconomy in Brazil. To do so, it analyzes documents and investigates if there is application of the subject in specific disciplines or in topics of the programmatic contents. The research is presented as documentary, exploratory (in terms of its purpose), and, from the point of view of data analysis and demonstration of results, with a qualitative and quantitative approach. It applies content analysis technique to analyze all data raised. It uses a qualitative-quantitative approach for demonstrating results. It verifies that in fifteen courses there is presence of disciplines dedicated to or approaching the subject. It also concludes that only the courses of the Federal University of Minas Gerais, the University Center of Formiga and the University of São Paulo / Campus Ribeirão Preto have more than one subject that deal with the subject. It notes that there is a concentration of the subject in disciplines related to sources of information and documentary normalization. It makes connections with and uses the bourdieusian theory, especially in what concerns field, scientific capital and habitus. It concludes that the subject is still little approached in the analyzed programs and suggests greater dissemination of the same within these courses, aiming to offer greater possibilities to students in developing knowledge and research in the area.

Keywords: Information and Health; Biblioteconomy courses; Biblioteconomy Curriculum

1 INTRODUÇÃO

Em estudo publicado em 2005, Baptista e Muller assinalam que novas oportunidades para profissionais da informação se fazem presentes, sobretudo, na área de negócios e tecnologia. No mesmo sentido, as autoras acrescentam que “[...] parece haver também, entre os bibliotecários, maior consciência de que conhecimentos e habilidades adquiridas no curso de Biblioteconomia são aplicáveis em qualquer contexto onde há estoques de informação.” (BAPTISTA, MULLER, 2005, p. 37).

Tal percepção tem levado a um crescimento da atuação de bibliotecários em ambientes não convencionais, ou seja, aqueles não relacionados a bibliotecas, como é o caso dos laboratórios de pesquisa no campo da saúde.

Especificamente sobre a atuação de bibliotecários no campo da saúde, Beraquet e Ciol (2013) indicam que, embora já seja possível notar avanços nesse sentido no Brasil, ainda são poucas as iniciativas frente às possibilidades existentes no mercado. Para as autoras, “talvez falte às instituições educacionais melhor retratarem em seus cursos e programas as necessidades do mundo do trabalho, para que o bibliotecário não saia da Faculdade sem ler os ‘ambientes’” (BERAQUET; CIOL, 2013, p. 1800). Concebemos que esta hipótese precisa ser investigada. Levando em consideração que a atuação profissional no campo da saúde necessita e possui condições para avançar, enxergamos no presente estudo uma possibilidade de ampliar o debate sobre este tema.

É importante mencionar que a pesquisa em tela neste evento, representa um dos objetivos de um estudo mais amplo que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ e que em última instância visa a fornecer contribuições para o desenvolvimento de programas de Biblioteconomia Clínica no Brasil. Dessa forma, por ora decidimos investigar se o campo e a temática da saúde são arrolados nos projetos político-pedagógicos e nos currículos. Sobre o último, analisamos especificamente os planos de ensino das disciplinas e verificamos as ementas e/ou os tópicos indicados como conteúdo programático.

2 DESENVOLVIMENTO

De acordo com o sistema e-MEC (2018), o Brasil possui 38 cursos presenciais de Biblioteconomia e 4 cursos à distância em funcionamento, sendo 31 em universidades públicas e 7 em universidades privadas, conforme dados a seguir:

Quadro 1: Instituições que ofertam Biblioteconomia na modalidade presencial

Região	Estado	Âmbito
CENTRO- OESTE		
Instituto de Ensino Superior da Funlec (IESF)	MS	Privado
Universidade Federal de Brasília (UNB)	DF	Público
Universidade Federal de Goiás (UFG)	GO	Público
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	MT	Público
NORDESTE		
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	Público
Universidade Federal do Pará (UFPA)	PA	Público
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	PB	Público
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	AL	Público
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	Público
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	SE	Público
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	CE	Público
Universidade Federal do Ceará (UFC)	CE	Público
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	MA	Público
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	PI	Público
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	Público
NORTE		
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	AM	Público
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	RO	Público
SUDESTE		
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	ES	Público
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	Público

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018
22 a 26 de outubro de 2018 – Londrina – PR

Centro Universitário de Formiga (UNIFORMG)	MG	Privado
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	RJ	Público
Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	Público
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	Público
Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)	SP	Público
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)	SP	Privado
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	SP	Público
Universidade de São Paulo (USP)	SP	Público
Universidade de São Paulo – USP/Campus Ribeirão Preto	SP	Pública
Centro Universitário Assunção (UNIFAI)	SP	Privado
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP)	SP	Privado
Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC)	SP	Privado
Centro Universitário Teresa D'Ávila (FATEA)	SP	Privado
SUL		
Faculdade Educacional de Dois Vizinhos (FAED)	PR	Privado
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	PR	Público
Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)	SC	Público
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	Público
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	RS	Público
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG)	RS	Público

Fonte: Autores (2018)

Cabe destacar que a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e a Universidade Federal de Goiás (UFG) possuem 2 cursos em funcionamento: Biblioteconomia e Gestão da Informação. Nesse sentido, optamos por analisar exclusivamente o curso de Biblioteconomia dessas instituições.

Conforme é possível observar no quadro 2, a área conta com 4 cursos de Biblioteconomia na modalidade à distância em funcionamento e brevemente este número vai crescer, haja vista que em 23 de março de 2018 foi lançado o curso de Biblioteconomia em formato de Educação a Distância (EAD) e 11 universidades públicas¹ tiveram suas propostas deferidas.

¹ Mais informações acesse: <http://www.cfb.org.br/noticia/excelente-noticia/> e <http://www.capes.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/8807-novo-curso-de-biblioteconomia-a-distancia-homenageia-prof-mariza-russo>

Quadro 2: Instituições com curso de biblioteconomia na modalidade à distância

Instituição	Vagas anuais autorizadas	Carga horária
UCS	200	2.610 horas
CEUCLAR	1200	2.400 horas
UNIVERSO	2000	2.655 horas
UNOCHAPECÓ	100	2.625 horas

Fonte: (BRASIL, 2018).

No âmbito destes cursos presenciais e à distância, ocorre uma formação de base generalista orientada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), datadas de 2001 (CASTRO, 2002). Quanto à formulação do projeto político-pedagógico (PPP), as Diretrizes Curriculares² indicam que deverá explicitar: o perfil dos formandos; as competências e habilidades gerais e específicas a serem desenvolvidas; os conteúdos curriculares de formação geral e os conteúdos de formação específica ou profissionalizante; o formato dos estágios; as características das atividades complementares; a estrutura do curso e as formas de avaliação.

Para Souza (2002, p. 1), “as Diretrizes Curriculares promovem mais que a orientação de conteúdo passa a existir a orientação da formação, o que envolve todos os componentes materiais e imateriais que um curso pode ofertar a seus alunos”.

Como elemento que fornece diretrizes ao sistema educacional, e, portanto, tem caráter indicativo, as DCNs não se ocupam de indicar os ambientes profissionais em que o bibliotecário pode atuar e tampouco que domínios devem ser articulados durante sua formação. Desta forma, fica a cargo dos cursos de graduação apresentar os campos em que a Biblioteconomia pode se integrar e contribuir e igualmente deve oferecer, ainda que de modo geral, subsídios teóricos e práticos para a atuação profissional nestes domínios. Especificamente sobre este último aspecto, nos interessa as articulações que propiciem a atuação no campo da saúde.

Segundo Beraquet e Ciol (2010, p. 131), “Os bibliotecários brasileiros no campo da saúde ainda operam, em sua maior parte, no setor acadêmico. Os poucos encontrados na área clínica desenvolvem suas atividades na prática, sem atitude fundamentada no conhecimento científico”.

Para Mota e Oliveira (2005), no campo da saúde, os bibliotecários podem atuar no

² CNE. Resolução CNE/CES 19/2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. Diário Oficial da União. Brasília, 9 de abril de 2002. Seção 1, p. 34.

processamento de informações (utilização de descritores, metadados, definição de linguagens de indexação e terminologias), desenvolvimento e gerenciamento de sistemas de informação, como registros eletrônicos em saúde, prontuários eletrônicos dos pacientes, no gerenciamento de bases de dados estatísticas e bibliográficas, por exemplo, sobre epidemias, cuidados com a saúde, no fornecimento de informações que possam auxiliar médicos e enfermeiros nos processos de tomada de decisão, subsidiar políticas públicas na área da saúde e promover programas de prevenção de doenças.

Nossa pesquisa propõe uma ampliação do relacionamento entre a Biblioteconomia e a área de saúde. Mais que isso, entende que existe uma ligação direta entre as articulações da competência do bibliotecário e o compromisso com a segurança, a ética profissional, os procedimentos e, sobretudo, com o desenvolvimento da medicina baseada em evidência, que pode garantir uma melhoria da qualidade no atendimento à população. Em nossa perspectiva, o acesso à informação médica mais recente pode beneficiar os usuários, os trabalhadores da saúde, o próprio setor de saúde e, evidentemente, a sociedade como um todo.

Tal percepção é corroborada no estudo de Giuse (1997), que indica uma ligação direta entre informação e prática clínica. Para o autor, o trabalho do profissional de informação [bibliotecário] pode contribuir de maneira relativamente bem-sucedida para melhorar o atendimento ao paciente.

Ainda se tomarmos como referência o ambiente clássico de atuação do bibliotecário, ou seja, as bibliotecas, veremos que no campo da saúde estas possuem variações. Para tanto, nos apoiamos em Lima (1973), que agrupa as bibliotecas hospitalares de acordo com as instituições em que são veiculadas, da seguinte forma:

Bibliotecas de hospitais ligadas a universidades ou escolas de medicina;
Bibliotecas de hospitais isolados, mas localizados em regiões que comportam a existência de outras bibliotecas médicas, vinculadas a Associações Médicas, institutos de pesquisa laboratórios de pesquisa e etc;
Bibliotecas de Hospitais isolados, localizados em regiões desvinculados dos centros médicos mais desenvolvidos. (LIMA, 1973, p. 146-147).

Entretanto, a mesma autora (1973) indica que essa distinção serve apenas para a diferenciação do ambiente no que tange à sua estrutura organizacional, mas que definitivamente não impacta ou sugere diferenciação dos objetivos dessas bibliotecas. Ou seja, todas atuam na custódia, recuperação e disseminação de informações para seus usuários reais (profissionais de saúde e pacientes) e para os potenciais (familiares dos pacientes e comunidade em geral).

De acordo com Lappa (2004), as necessidades de informação em um hospital operam vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana, sugerindo que a biblioteca hospitalar deveria operar no mesmo modelo. Sua missão seria a de oferecer ao corpo clínico as informações necessárias ao rápido e eficiente atendimento ao paciente.

No entanto, é importante indicar que a simples existência de uma biblioteca hospitalar não garante à sua comunidade usuária o acesso à informação relevante à sua prática profissional. Neste contexto, Sladek, Pinnockt e Phillips (2004) apontam que cabe ao bibliotecário as funções de filtragem, tratamento, organização e fornecimento de informações relevantes, facilitando a localização de evidências para profissionais da saúde.

Neste contexto, Davidoff e Florance (2000) relacionam três categorizações profissionais de bibliotecários no campo da saúde, a saber: bibliotecário médico, informacionista e bibliotecário clínico.

1. Bibliotecário Médico - Esse tipo de profissional atua em instituições de ensino ou em hospitais, porém não compõe as equipes médicas. Sua atuação torna as bibliotecas hospitalares um espaço ativo para a prestação de serviços.
2. Informacionista - O informacionista trabalha como mediador entre as equipes clínicas e a informação especializada, atualizada, buscando as melhores evidências científicas a serem tratadas pelo corpo clínico, analisando os dados e aplicando de acordo com os casos.
3. Bibliotecário Clínico - O bibliotecário clínico atua junto às equipes médicas, participando de todo o tratamento dos pacientes. Ao fazer parte das rondas, os bibliotecários colhem informações relevantes sobre o caso para realizar uma pesquisa especializada, atuando diretamente entre as necessidades informacionais e o corpo clínico. (GUIMARÃES, CADENGUE, 2011, p. 158).

As variações presentes na literatura da área (Leite; Galvão, 2008; Bentes Pinto, 2005; Finamor; Lima, 2017; Fonseca, 2014; Teixeira, 2005; e Bem; Alves, 2012; entre outros) indicam, por exemplo, que os bibliotecários têm atuado com biblioterapia, em revisões sistemáticas de literatura, em hospitais, biblioteca universitária hospitalar, indústria farmacêutica, entre outros. Sendo assim, habitualmente os cargos destes profissionais atuantes são denominados como analistas de pesquisa em saúde, analista de informação em saúde, bibliotecário universitário, bibliotecário médico e bibliotecário clínico.

Se nos detivermos ao contexto brasileiro, no que tange a programas de biblioteconomia clínica e atuação em bibliotecas em hospitais de ensino/hospitais universitários, verificaremos que, embora o país tenha tido sua primeira experiência em

programa de biblioteconomia clínica já no ano de 1983, no âmbito do Hospital das Doenças do Aparelho Locomotor de Brasília, e que esta tenha sido alvo de pesquisas e bastante elogiada pela comunidade à época, iniciativas semelhantes são raras e/ou não têm continuidade (SILVA, 1986; BERAQUET, CIOL, 2009).

Já no que se refere à atuação profissional e existência de bibliotecas em hospitais universitários brasileiros, o estudo de Mendonça (2015) constatou que dos trinta e seis hospitais universitários federais gerais investigados, treze possuíam bibliotecas dentro de sua estrutura, mas duas bibliotecas deste grupo não têm bibliotecários e funcionam somente como espaço para empréstimo e consulta de livros.

Portanto, as atividades destacadas por Sladek, Pinnockt e Phillips (2004) ficam prejudicadas ou inexistem em algumas unidades brasileiras. Evidentemente, não ignoramos que são muitos os fatores alheios ao espectro da Biblioteconomia enquanto campo de conhecimento que confluem para esta realidade, tais como: a não obrigatoriedade da existência de bibliotecas para a certificação dos hospitais de ensino e tampouco em hospitais gerais e especializados, precariedade do sistema de saúde brasileiro, falta de recursos financeiros entre outros. Por outro lado, nos questionamos se os bibliotecários brasileiros têm recebido nos cursos de graduação os arcabouços minimamente necessários à sua atuação em um campo tão complexo como o da saúde.

Quando adotamos o termo campo da saúde em detrimento de domínio da saúde, nossa escolha não é neutra e tampouco restringe-se a uma opção semântica. Isto é, fazemos uma escolha consciente e articulada com a teoria bourdieusiana, que concebe campo como:

[...] resultado de processos de diferenciação social, da forma de ser e do conhecimento do mundo e o que dá suporte são as relações de força entre os agentes (indivíduos e grupos) e as instituições que lutam pela hegemonia, isto é, o monopólio da autoridade, que concede o poder de ditar as regras e de repartir o capital específico de cada campo (BOURDIEU, 2004, p.114).

Embora Bourdieu tenha elaborado seus conceitos à luz de uma perspectiva sociológica e intencionada ao campo científico, sua obra tem sido tomada/ressignificada em muitos outros domínios, por exemplo, *habitus esportivo* (MORAES et al, 2016), *habitus medicus* (BASSI, 2015) dentre outros. Igualmente, sua construção teórica se ocupa de outros campos, tais como o artístico, cultural, jurídico, universitário entre tantos outros.

Neste sentido, concebemos o bibliotecário como um dos diversos profissionais que existem no campo da saúde e, utilizando-se da expressão de Bourdieu (2004), este é um agente. “Os agentes criam o espaço, e o espaço só existe (de alguma maneira) pelos agentes e pelas relações objetivas entre os agentes que aí se encontram.” (BOURDIEU, 2004, p.23).

Sob tal viés, se relacionarmos o valor assumido pela informação, especialmente no contexto da medicina baseada em evidência, podemos inferir que este exerce dada influencia na complexidade do campo da saúde. Especialmente porque o monopólio de uma informação ou o conhecimento de formas de recuperá-la pode ocasionar conflitos entre os atores que integram e constituem o sistema de forças que interagem no campo.

Por outro lado, Bourdieu (2004, p. 23-24) assinala que:

É a estrutura das relações objetivas entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer. Ou, mais precisamente, é a posição que eles ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, pelo menos negativamente, suas tomadas de posição. Isso significa que só compreendemos, verdadeiramente, o que diz ou faz um agente engajado num campo se [...] sabemos seu lugar de fala. Essa estrutura é, grosso modo, determinada pela distribuição do capital científico.

Segundo Bourdieu (2004), todo campo possui os agentes que monopolizam o capital específico do campo, pela via da violência simbólica, isto é, da autoridade, e os que adentram o espaço participam desta disputa ou “campo de lutas”, de modo que, conforme suas posições, mantêm-se ou modificam suas estruturas.

Essa compreensão da tomada ou aumento de capital científico, por sua vez, não é neutra nem tampouco despreza a proporção do peso do capital científico dos demais agentes do campo. No mesmo sentido, Bourdieu (2004) assinala que

os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento de tempo, o conjunto de objetos importantes, isto é, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre os quais eles vão concentrar seus esforços, e se assim posso dizer, “compensar”, determinando uma concentração de seus esforços de pesquisa.

Desta forma, nosso estudo compreende que as escolhas em torno do que “vale a pena como esforço de pesquisa” se articula por inúmeros e particulares desdobramentos, e, neste momento, vamos investigar os componentes disciplinares como elementos integrativos e integradores do capital científico dos bibliotecários. Nosso ponto de partida é que o domínio dos saberes dispostos nestes elementos permite ao bibliotecário ter um lugar de fala no campo da saúde e ao mesmo tempo constituem-se elementos articuladores entre

os saberes dos domínios da medicina e da biblioteconomia no que tange ao valor assumido pela informação no campo da saúde.

Ancorados em Bourdieu (2004), indicamos que, quando nos referimos à dimensão do capital científico, não estamos ancorados somente nos atos de conhecimento. Ou seja, não se trata somente de aumentar o conhecimento de um agente, no caso o bibliotecário. Haja vista que tal capital também está relacionado ao reconhecimento atribuído pelos pares-concorrentes no interior do campo. Ou seja, os arcabouços/elementos que uma disciplina ou tópico dedicado ao campo da saúde na estrutura pedagógica de um curso contribuem para que o bibliotecário seja reconhecido por uma competência.

Esse tipo de reconhecimento é especialmente importante para aqueles que não são nativos do campo e, portanto, não tem o que Bourdieu denomina de ciência infusa. Neste sentido, os médicos e demais profissionais de saúde são os “detentores” das regras do jogo. Ao mesmo tempo, é possível verificar que a própria noção de divisão curricular por disciplinas enquanto representação pedagógica evoca visões nem um pouco neutras.

as representações [...] fundadas numa realidade dotada de todos os meios de impor seu veredito mediante um arsenal de métodos, instrumentos e técnicas de experimentação coletivamente acumulados e coletivamente empregados, sob a imposição de disciplinas e das censuras dos campos e pela virtude invisível da orquestração de habitus. (BOURDIEU, 2004, p.33-34.)

A constituição de um habitus é o produto de um trabalho costurado, arranjado por jogos de interesse, forças entre os agentes e violência simbólica que ocorre em um dado campo. Nas palavras de Bourdieu:

O habitus produz práticas, que, na medida em que tendem a reproduzir as regularidades imanentes às condições objetivas da produção de seu princípio gerador, mas ajustando-se às exigências inscritas a título de potencialidades objetivas na situação diretamente afrontada, não se deixam deduzir diretamente nem das condições objetivas, pontualmente definidas como soma de estímulos que podem aparecer como tendo-as desencadeado diretamente, nem das condições objetivas que produziram o princípio durável de sua produção (BOURDIEU, 1994, p. 65).

Desta forma, percebe-se uma articulação entre campo, capital e habitus. Outrossim, Bourdieu rejeita a ideia de prática como simples execução. Desta forma, “as disposições, socialmente constituídas que orientam a ação, têm uma capacidade geradora” (Bourdieu, 1987, p. 23 apud THIRY-CHERQUES, 2006, p. 31). Ou seja, os agentes do campo, em virtude

da posição que ocupam ou poder simbólico que detém, possuem uma dada margem de liberdade para alterar, aperfeiçoar as disposições que constituem o *habitus*.

É mediante este processo que o *habitus* funda condutas regulares, que permitem prever práticas – “as coisas que se fazem” e as “coisas que não se fazem” em determinado campo (BOURDIEU, 1987, p. 95 apud THIRY-CHERQUES, 2006, p. 35).

Colocadas tais questões, a partir dos procedimentos metodológicos listados abaixo, a pesquisa se ocupa de investigar as coisas que se fazem em torno do domínio **informação e saúde** nos PPP e currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia.

3 METODOLOGIA

Nossa pesquisa se caracteriza como sendo de caráter documental, exploratória (quanto ao seu objetivo), e, do ponto de vista da análise dos dados e demonstração dos resultados, com abordagem qualitativa e quantitativa.

Caracterizamos nossa pesquisa como documental, apoiados na perspectiva de Marconi e Lakatos (2006, p. 176), que nos esclarecem que “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. Desse modo, ao analisar os projetos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia realizamos uma pesquisa documental.

Devemos esclarecer que nossa fonte principal, o PPP, não recebeu nenhum tratamento analítico prévio, portanto, a natureza da fonte de informação utilizada confirma nossa pesquisa como sendo documental, afastando qualquer possibilidade de caracterização de uma pesquisa bibliográfica, tal como prevê GIL (2008) ao caracterizar pesquisa documental.

Localizamos poucos estudos provenientes da área de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação interessados em averiguar a abordagem da temática **informação e saúde** nos currículos e projetos políticos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia e, sendo este nosso objetivo, podemos qualificar nossa pesquisa como de natureza exploratória quanto ao seu objetivo. Justificamos tal denotação apoiados em Vergara que diz que uma pesquisa é considerada exploratória “quando é realizada em área na qual há pouco conhecimento acumulado e sistematizado” (VERGARA, 2013, p. 38).

Quanto ao tipo de abordagem do tema, realizamos uma combinação dos métodos quantitativo e qualitativo. Nossa pesquisa utilizou o método quantitativo para levantamento

do número de cursos de graduação em Biblioteconomia existentes no Brasil e abordagem qualitativa para analisar os ementários destes e mensurar se haviam disciplinas ou tópicos dedicados a informação e saúde.

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. Primeiramente, realizamos um levantamento nos sites destes cursos buscando verificar a existência dos PPPs e dos ementários. Quando não foi possível, enviamos um e-mail aos coordenadores dos cursos solicitando o envio dos documentos. No entanto, nem todas as solicitações foram atendidas e quando isso não ocorreu mencionamos no quadro 3, presente na seção de resultados.

Para analisar os dados coletados, adotamos a técnica de análise de conteúdo, definida por Vergara (2013, p. 15) como “[...] uma técnica para o tratamento de dados que visa a identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema”.

Já Bardin (2011, p. 37) explica que a análise de conteúdo consiste em:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (BARDIN, 2011, p. 37).

Para a mesma autora (2011) a análise de conteúdo pode ser resumida em três fases:

- a) pré-análise: “é a fase de organização propriamente dita”;
- b) exploração do material ou fase de codificação;
- c) tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A interpretação é a fase na qual os resultados em bruto são tratados de maneira a serem significativos e válidos. (BARDIN, 2011, p.125).

Desta forma, na fase de pré-análise categorizamos em uma tabela todos os documentos recebidos e os não recebidos. Depois procedemos a uma leitura flutuante com vistas a entender as seções destes documentos. Em seguida partimos para a segunda fase, que trata da exploração do material.

A segunda fase tem como foco a descrição analítica, na qual o corpus escolhido – os projetos políticos pedagógicos e currículos – é submetido a um estudo aprofundado. Aqui se impõe uma limitação de nosso estudo, pois na maioria dos casos não foi possível acessar a íntegra do currículo desta forma, então procedeu-se à análise das ementas das disciplinas. Desta forma, visando à isonomia na análise entre todos os cursos elegemos o resumo da ementa como a única unidade de análise.

Para a terceira e última fase proposta por Bardin (2011), que é a fase em que do tratamento dos dados procedemos uma análise criteriosa e identificamos os cursos que indicam no PPP e/ou no currículo uma disciplina ou tópico arrolado em seu conteúdo programático, dedicado a tratar da temática informação e saúde em seu curso.

Esclarecemos, no entanto, que nosso método impõe certa limitação, uma vez que envolve um processo interpretativo dos dados expostos nos documentos analisados. Não se pode afirmar que ocorreram modificações em relação aos dados levantados, mas podemos dizer que tais dados possivelmente foram submetidos a juízo, enquanto eram repassados ao interlocutor e que isto pode ter gerado eventuais inconformidades, conforme os dados são expostos e conforme são entendidos e documentados neste trabalho.

Os dados desta análise são apresentados na seção seguinte e constituem os quadros 3 e 4 deste estudo.

4 RESULTADOS

Após analisar os currículos e projetos políticos pedagógicos aplicando a técnica de análise de conteúdo segundo Bardin (2011) chegamos aos seguintes dados:

Quadro 3: Instituições que tem disciplinas que tratam de informação e saúde

UNIVERSIDADE	Tem disciplina	Nome da disciplina	Observação
Instituto de Ensino Superior da Funlec (IESF)			não tivemos acesso ao PPP e currículo
Universidade Federal de Brasília (UNB)		Bibliografia Especializada 2	
Universidade Federal de Goiás (UFG)	Não		
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)			não tivemos acesso ao PPP e currículo
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Não		
Universidade Federal do Pará (UFPA)	Não		
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	Não		
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	Sim	Tecnologias de Informação em Saúde	

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018
22 a 26 de outubro de 2018 – Londrina – PR

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	Sim	Informação em Saúde	
Universidade Federal de Sergipe (UFS)	Não		
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	Não		
Universidade Federal do Ceará (UFC)	Não		
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	não tivemos acesso ao PPP e currículo		
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Não		
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	Não		
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	Sim	Organização de Documentos e Informações de Instituições de Saúde	
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Sim	Uso fontes informação áreas específicas Top. Em Fontes Inform. Áreas Específicas	
Centro Universitário de Formiga (UNIFORMG)	Sim	Normalização Bibliográfica II Fontes Especializadas De Informação	
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	Sim	Fontes de Informação em Ciências da Saúde	
Universidade Federal Fluminense (UFF)	Sim	Arquivos médicos	
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Não		
Universidade Federal de	Não		

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018
22 a 26 de outubro de 2018 – Londrina – PR

São Carlos (UFSCAR)			
Pontifica Universidade Católica de Campinas (PUC-CAMPINAS)	Sim	Fontes de informação especializada	
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	Não		
Universidade de São Paulo – USP/Campus Ribeirão Preto	Sim	Comunicação e Difusão de Conhecimento em Saúde Fontes de Informação em Saúde Documentação em Saúde Tecnologias de Informação em Saúde Terminologias em Saúde	
Universidade de São Paulo (USP)	Não		
Centro Universitário Assunção (UNIFAI)			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP)	Sim	Tipologia de Serviços de Informação	
Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC)			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
Centro Universitário Teresa D'Ávila (FATEA)			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
Faculdade Educacional de Dois Vizinhos (FAED)			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Não		
Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)	Sim	Fontes de Informação	
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Não		
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	Sim	Informação em Ciências da Saúde	

XIX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2018
22 a 26 de outubro de 2018 – Londrina – PR

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FURG)	Sim	Normalização da Produção Intelectual I	
UCS			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
CEUCLAR			Não tivemos acesso ao PPP e currículo
UNIVERSO	Não		
UNOCHAPECÓ	Não		

Fontes: Os autores (2018)

Conforme pode ser observado no quadro acima, apenas 15 cursos possuem disciplinas dedicadas ao campo da saúde ou que tratem em seu conteúdo programático a temática informação e saúde. Esse dado representa 35,71% do total de cursos.

Observou-se uma grande concentração do tema sendo tratado no âmbito das disciplinas de fontes de informação como tópico dedicado às fontes especializadas. Igualmente, é possível verificar dedicação ao trabalho de normalização da documentação da área de saúde.

Apenas a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Centro Universitário de Formiga (UNIFORMG) e a Universidade de São Paulo – USP/Campus Ribeirão Preto possuem mais de uma disciplina que trata do campo da saúde.

Merece destaque o PPP da USP de Ribeirão Preto, que indica que a proposta do curso privilegia uma formação orientada aos campos educacional, de saúde e de gestão. Outro ponto importante é que no primeiro projeto político pedagógico o curso tinha três ênfases intituladas: “Informação e Saúde, Educação e Agronegócios (posteriormente modificada para Administração)” (UNIVERSIDADE, 2016, p. 6). Embora a última versão do PPP não tenha mais essa divisão por ênfases, ainda se mantém uma forte inclinação ao campo da saúde, sobretudo no que tange às disciplinas eletivas.

Em nosso entendimento a não representação da temática informação e saúde nos currículos de Biblioteconomia não é uma escolha neutra. Essa dialética do que fica em evidência e o que é preterido é, segundo Bourdieu (2004), uma escolha arbitrária que é constituída pelos agentes do campo que selecionam a partir de uma cultura e capital científico legitimados. Neste sentido, quando uma escola decide inserir ou retirar um

componente curricular relacionado ao campo da saúde, é um reconhecimento de que este elemento é legitimado e participa do capital científico daquele campo.

Neste sentido, nosso estudo estará em âmbito maior, investigando as trajetórias dos agentes desses campos e objetivando identificar as razões que justifiquem a ausência ou presença dessas disciplinas do campo da saúde nos currículos brasileiros. Igualmente importante é analisar se a presença destes arcabouços contribui em alguma medida para o desenvolvimento de uma das nuances do capital científico dos bibliotecários que atuam no campo da saúde e, portanto, ajuda-os a desenvolver suas práticas fundamentadas em conhecimento científico e não somente fundamentado no capital tácito, respondendo assim à proposição de Beraquet e Ciol (2010).

Igualmente, Duarte et al (2018) indicam que o currículo reflete a identidade do profissional que se pretende formar e, conseqüentemente, o atendimento às demandas contemporâneas relacionadas à profissão do bibliotecário.

Apoiados nos princípios da flexibilização curricular preconizado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e nas Diretrizes Curriculares Nacionais específicas ao curso de Biblioteconomia, entendemos que os cursos devem desenvolver propostas curriculares que lancem mão das opções de formação complementar e formação livre, objetivando que o aluno seja corresponsável pela construção de seu currículo, conquistando assim não somente uma formação teórico-prática generalizada, mas também se aprofundando um pouco mais em áreas de seu maior interesse.

Neste sentido, Valentim faz uma importante observação:

Fornecer competências e habilidades profissionais durante a formação profissional, por meio de conteúdos formadores, é papel da escola. Porém, manter essas competências e habilidades profissionais, após sua saída da escola, é papel do próprio profissional (VALENTIM, 2002, p. 130).

Dessa forma, nosso estudo entende que ainda é necessário ampliar os debates em torno da atuação do bibliotecário no campo da saúde e igualmente é preciso apresentar este campo ao estudante de biblioteconomia ainda durante sua graduação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve por propósito verificar se havia nos currículos dos cursos presenciais e à distância de graduação em nível de bacharelado em Biblioteconomia qualquer abordagem disciplinar ou tópico nos conteúdos programáticos destinados a temática informação e saúde e ao campo da saúde como possível campo de atuação profissional do bibliotecário.

Desta forma, por meio de análise dos currículos e projetos políticos pedagógicos, pudemos verificar que 15 escolas têm disciplinas dedicadas à temática ou que cobrem em algum espectro a temática.

Igualmente, verificou-se que a temática informação e saúde tem se concentrado em componentes curriculares relacionados a fontes de informação e normalização documentária. Desta forma, entendemos que cumprimos com êxito nosso objetivo.

Frente aos resultados, consideramos que a temática tem sido pouco tratada, levando em consideração a quantidade total de IES públicas e privadas que possuem o curso e a quantidade dos cursos que apresentaram as disciplinas já mencionadas. Entendemos que esta pouca abordagem pode impactar o desenvolvimento do perfil e da atuação do egresso.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Sofia Galvão; MULLER, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. **Información, Cultura y Sociedad**, v. 12, p.35-50, 2005.

Disponível em:

<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/976/2/ARTIGO_ConsideracoesMercadoTrabalhoBibliotecario.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2018.

BEM, Roberta Moraes de; ALVES, Maria Bernardete Martins. A contribuição do bibliotecário no processo de revisão sistemática: sugestão de um protocolo de pesquisa. SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS. 17., 2012, Gramado. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012. p. 1448-1451. Disponível em:

<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/46123/4QTB.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15 set. 2015.

BENTES PINTO, Virginia. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário.

Transinformação, Campinas, v. 17, n. 1, p. 31-43, jan./abr., 2005. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=79>>. Acesso em 12 set. 2006.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais**, de 03 de abril de 2001. Brasília: Conselho Nacional de Educação/Câmara Superior de Educação, 2001.

BERAQUET, Vera Silvia Marão; CIOL, Renata. Atuação do bibliotecário em ambientes não tradicionais: o campo da saúde. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 23, p. 127-137, 2010. Disponível em:<

<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000009334/623f574608ab7b42b734ac555a52990f>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

BERAQUET, Vera Silva Marão. et al. Bases para o desenvolvimento da biblioteconomia clínica em um hospital da cidade de Campinas. ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 10., 2013, Marília. **Anais...** Marília, 2013. Disponível em: <

<http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=269>>. Acesso em: 21 ago 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo (SP): UNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma Teoria da Prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1994, n. 39, p. 46-86. Coleção Grandes Cientistas Sociais.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Tradução Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

CASTRO, César Augusto. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 25-48.

CIOL, Renata; BERAQUET, Vera Silva Marão. Evidência e informação: desafios da Medicina para a próxima década. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 221-230, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/775>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

DUARTE, Emeide *et al.* Gestão da informação e do conhecimento nos currículos dos cursos de Biblioteconomia das universidades públicas brasileiras. **Ciência Da Informação**, v. 45, p. 156-171, 2018.

FINAMOR, Márcio da Silva; LIMA, Clovis Ricardo Montenegro. Bibliotecários em hospitais: o olhar crítico e humanístico da profissão. **Logeion: filosofia da informação**, v. 4, n. 1, p. 86-108, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/27643>>. Acesso em: 16 set. 2018.

FONSECA, Eliana Rosa da. **A interação entre o bibliotecário e o usuário no ambiente de uma biblioteca hospitalar universitária: um estudo sobre literacia em informação na área da saúde**. 2014. 135f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014. Disponível em:<

http://www.ci.uff.br/ppgci/arquivos/Dissert/2014/DISSERTA%C3%87%C3%83O_ELIANA%20ROSA%20DA%20FONSECA.pdf>. Acesso em 15 de set. 2018.

GALVÃO, Maria Cristine Barbosa; LEITE, Renata Antunes Figueiredo. Do bibliotecário médico ao informacionista: traços semânticos de seus perfis e competências. **Transinformação**, v. 20, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/20347>>. Acesso em: 16 set. 2018.

GIUSE, Nunzia Bettinsoli. Advancing the practice of clinical medical librarianship. **Bulletin Medicen Library Association**, n. 85, p. 437-438. Disponível em:<<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC226305/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

GUIMARÃES, Antônio Guilherme Rocha; CADENGUE, Mirtysiula. A interferência da biblioteconomia clínica para o desenvolvimento da saúde. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 9, n. 1, p. 150-165, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000010849/a0e8b84a830e7a985445cb9fa9376990>>. Acesso em: 3 ago. 2018.

LAPPA, E. Clinical librarianship (CL): a historical perspective. **E-JASL: The Electronic Journal of Academic and Special Librarianship**, v. 5 n. 2-3, 2004.

MOTA, Francisca Rosaline Leite; OLIVEIRA, Marlene de. Formação e atuação profissional. In: OLIVEIRA, Marlene de (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. Cap.5, p.97-110.

SILVA, C. M. S. Biblioteconomia clínica em uma unidade hospitalar. **R. Bibliotecon**. Brasília, Brasília, v. 14, n. 2, p. 299-303, jul./dez. 1986.

SILVA, *Juliana Carla Gomes*; GARCIA, *Joana Coeli Ribeiro*. R. O projeto de lei nº 4186/2012: em cena a atuação da biblioterapia. **Biblionline**, v. 13, n. 1, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/23352>>. Acesso em: 16 Set. 2018.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Educação bibliotecária, pesquisa em educação bibliotecária e novas DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais) do Curso de Biblioteconomia no Brasil. **Informação & Sociedade**. Estudos, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 1-11, 2002. Disponível em:<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/149/143>>. Acesso em: 11 de jul. 2018.

TEIXEIRA, Robson da Silva. Serviço de recuperação da informação na biblioteca de um laboratório farmacêutico - um estudo prático. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 80-89, fev. 2005. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2067>>. Acesso em: 16 set. 2018

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**. v.40, n.1, p.27-53, 2006. ISSN 0034-7612. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003>. Acesso em: 04 ago. 2018.

VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 117-132.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa Em Administração**. São Paulo, Atlas, 2013.